

Festival folclórico: o que muda em Parintins?

Ana Rúbia Figueiredo Fernandes*

Resumo: Este trabalho estuda a relação entre o Festival Folclórico de Parintins e o desenvolvimento regional, a partir da mudança de cultura popular para cultura de massa. Para realizar sua análise crítica, recorre ao conceito de desenvolvimento social de Edgar Morin enquanto fenômeno multidimensional, direcionado para todos os setores da vida humana.

Palavras-chave: Festival Folclórico, desenvolvimento social, cultura e indústria cultural.

Abstract: *This work studies the common points between Folkloric Festival from Parintins and regional development, which comes from popular and mass culture. Its critical analysis is based on Edgar Morin, according to his concept on social development as being a phenomenon, related to human being.*

Keywords: *Folkloric Festival, social development, culture and cultural industry.*

Este trabalho é parte de minha monografia de conclusão de curso, onde trabalho o Festival Folclórico de Parintins e a questão do desenvolvimento social, percebendo a mudança ocorrida de cultura popular para cultura de massa, e analisando de que forma esse Festival contribui para um desenvolvimento social. Quando falo em desenvolvimento social, utilizo-me do conceito de Edgar Morin, que trabalha o desenvolvimento enquanto fenômeno multidimensional, direcionado para todos os setores da vida humana, na questão política, social, econômica e cultural.

*Bacharel em Ciências Sociais/UA.





O município de Parintins, desde o final da década de 80, vem passando por transformações econômicas, sociais e culturais, reflexo da dimensão adquirida pelo Festival Folclórico local, promovido que foi a manifestação cultural simbólica da Amazônia.

Esse atual status requereu a intervenção de agentes externos na promoção, produção e organização do Festival, agentes esses nem sempre interessados na fidelidade da manifestação aos seus elementos históricos. Todavia, essa intervenção já deixou marcas indeléveis na sociedade parintinense, identificadas na economia e no comportamento social e cultural dos ilhéus.

O dinheiro não fica, vai embora

Na seara econômica, as transformações ocorridas requerem análise cuidadosa. A cautela se deve ao fato de que a economia do município não teve o crescimento esperado, quer pelas autoridades quer pelos habitantes, nem tampouco alterou o perfil das forças produtivas a ponto de autorizar alguma conclusão eufórica.

A constatação das mudanças econômicas ocorridas demanda esforço laborioso quanto à coleta de indicadores e dados estatísticos confiáveis. Não há em Parintins o cuidado, ou interesse, por parte das entidades de classe e até dos poderes públicos em monitorar a movimentação financeira que cerca suas respectivas atividades. O município é completamente desprovido de acompanhamento estatístico, de tal forma, que é difícil apontar com exatidão o quanto uma determinada atividade evoluiu, ou para que direção aponta o crescimento econômico.

Não obstante tais dificuldades, existem subsídios firmes de que houve incremento na atividade econômica de Parintins por conta da evolução da festa do boi-bumbá. O mais significativo indicador do desempenho do município são os dados relativos ao recolhimento de ICMS – Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços, obtidos junto à SEFAZ – Secretaria Estadual de Fazenda. O ICMS é o principal imposto estadual, sendo cobrado sobre qualquer mercadoria que seja adquirida ou exportada, no caso, pelo município de Parintins. O uso deste imposto para medir a progressão econômica é bastante apropriado, considerando-se que Parintins tem no comércio uma de suas principais atividades.

Os dados do ICMS demonstram que houve um contínuo crescimento na arrecadação desse imposto no município, a partir de 1995. Nesse ano, o valor



total recolhido aos cofres estaduais foi de R\$ 803.396,82 (oitocentos e três mil trezentos e noventa e seis reais e oitenta e dois centavos). Já em 1999, o total arrecadado foi de R\$ 1.100.252,13 (um milhão e cem mil, duzentos e cinquenta e dois reais e treze centavos), representando ligeiro decréscimo em relação ao ano de 1998, quando se atingiu o montante de R\$ 1.186.260,83 (um milhão cento e oitenta e seis mil duzentos e sessenta reais e oitenta e três centavos). Os números contabilizados até julho de 2000 apontam para crescimento ainda maior em relação aos anos anteriores: R\$ 836.203,01 (oitocentos e trinta e seis mil, duzentos e três reais e um centavo).

A evolução progressiva na arrecadação tributária indica que houve gradual aumento na circulação de dinheiro no município de Parintins. Duas constatações a respeito dos números: primeira, a progressão gradual da receita pode ser creditada como reflexo da evolução do Festival Folclórico, já que não foi desenvolvida, nesse período, nenhuma política significativa, estadual ou municipal, com vistas a desenvolver os setores tradicionais da produção agropecuária e do extrativismo, por exemplo, que permanecem estacionárias; segunda, o desempenho econômico não deu o salto quantitativo esperado, seja pelas projeções de arrecadação de impostos por parte do governo estadual, seja pelo sentimento de frustração das entidades de classe e da população em geral.

Para se ter idéia da expectativa gerada pelo Festival como força motriz da economia, a SEPLAN – Secretaria de Planejamento do Estado – fez previsão de arrecadação de ICMS em Parintins, para 1997, na ordem de R\$ 4.233.000,00, previsão essa bem distante do efetivamente arrecadado, R\$ 1.052.826,82. Esse detalhe diz muito da diferença entre a realidade e a promessa que o Festival representa.

Quanto ao poder público municipal, a ausência de dados frustrar uma melhor avaliação do proveito financeiro oriundo do Festival. O incremento de renda dá-se com o arrendamento de áreas públicas para exploração comercial, licenciamento de bares e restaurantes e aumento da prestação de serviços em geral, onde ocorre a incidência do ISS – Imposto sobre Serviços. Mesmo com esse plus, não se pode afirmar que a Prefeitura Municipal obtenha somente vantagens. Após o Festival, os serviços básicos como a limpeza pública e conservação de prédios e vias públicas, por exemplo, demandam dispêndios bem superiores ao normal.

Não há dúvidas de que a mercantilização do folclore introduziu melhorias na economia. Uma delas foi a busca pela dinamização do setor de serviços.





A rede hoteleira da cidade resumia-se, anteriormente, à exploração em escala do boi-bumbá em três hotéis e pensões beira-rio. A clientela desses hotéis e pensões era formada, sobretudo, de vendedores de empresas de atacado que “faziam a praça”, de passageiros em escala de viagem, ou turistas ocasionais.

O crescimento do Festival alterou o perfil dos hóspedes, o que forçou os donos de hotéis a realizarem melhorias na estrutura física de seus estabelecimentos, com reformas, ampliações, aquisição de equipamentos para o lazer ou mero conforto da clientela. Novos hotéis surgiram na tentativa de fazer frente à demanda.

As mudanças não ficaram só na estrutura física. O atendimento aos clientes e a oferta de serviços antes inexistentes exigiram investimento para treinamento e qualificação de pessoal, ponto nevrálgico de qualquer atividade que trate com o público. A Secretaria de Cultura e Desporto, em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizado Comercial, SENAC, ofereceu treinamento em Parintins para mais de 40 pessoas, a fim de preparar a mão-de-obra local para melhoria da atividade turística. Além de atender à rede hoteleira, os cursos também foram destinados para os taxistas, motoboys e aos proprietários e gerentes do Projeto “Cama e Café da Manhã” e à comunidade em geral envolvida no segmento turístico. Entre os cursos, destacam-se técnicas de trabalho de camareiras, técnicas de recepção, atualização de garçom, formação de pequenos guias turísticos, ecoturismo e meio ambiente, qualidade no atendimento do passageiro fluvial, técnica de vendas, elaboração de roteiros turísticos e ainda dois cursos de marketing turístico.

Por certo, as técnicas introduzidas pelos cursos de capacitação representaram melhoria para o setor, melhoria essa efetivamente incorporada à incipiente cultura de prestação de serviços na cidade. Isto não representa simplesmente um ganho financeiro com o retorno do turista na próxima temporada, mas garantia de melhor remuneração do profissional e sua sustentabilidade no emprego.

Como tentativa de atender ao súbito aumento de turistas que acorrem à cidade no período do festival, estimados entre 30 e 50 mil, o governo estadual lançou o programa “Cama e Café”, que consiste em dotar residências com suítes para albergar visitantes que não encontram vagas nos hotéis. Para tanto, foi aberta linha de crédito pelo BEA para a viabilização do projeto, sendo construídas 73 suítes. O programa gera em torno de 23 empregos tem-



porários, e, pelo fato de ser dentro do terreno dos proprietários a mão-de-obra na maioria das vezes, é familiar.

Das 73 pessoas que fizeram esse financiamento e integraram o programa “Cama e Café”, 61 foram entrevistadas em 1999 para uma pesquisa realizada pela Secretaria de Estado da Cultura e Turismo do Amazonas. De acordo com os resultados, apenas 47 tiveram parcialmente ou totalmente as suas suítes alugadas antes e/ou depois do Festival. Cerca de 21,31% nunca alugaram nem antes nem durante a festa. Esses dados indicam que as expectativas geradas em torno do festival nem sempre atendem o resultado esperado, frustrando dessa forma as pessoas que investem, almejando bons negócios.

Com preços atraentes em relação aos hotéis, e por serem o meio de transporte mais utilizado na região, os barcos de recreio, que em tempos normais fazem linhas regulares entre as cidades ribeirinhas e a capital, transformam-se em verdadeiros hotéis fluviais. Ao mesmo tempo que suprem a demanda por hospedagem e evitam o colapso habitacional na cidade, fato memorável, concorrem para o desestímulo de novos investimentos em hotelaria. Embarcações de todas as regiões do Estado e de Estados vizinhos afluem a Parintins para aventurar a fortuna de ocasião.

A infra-estrutura urbana também recebeu melhorias, embora parciais. As praças da cidade foram recuperadas, as vias de maior circulação receberam recapeamento asfáltico e canteiro central. A Av. Amazonas, principal via de circulação da cidade, passou a concentrar bares, lanchonetes, restaurantes e barracas de iguarias típicas que a tornaram aprazível e sustentam relativa vida noturna. A orla fluvial foi reforçada com estrutura contra a queda de terras das margens, proporcionando o embelezamento da vista frontal da cidade.

Seguindo a trilha de melhorias, o sistema de telecomunicações do município foi adequado à demanda de serviço pelo grande número de turistas durante o Festival. As operadoras de telefonia celular instalaram-se na cidade viabilizando o uso de suas tecnologias e serviços. Além do mais, fazem da festividade um palco de guerra comercial, usando-a como instrumento de divulgação de impacto junto ao público consumidor, favorecidas que são pela grande concentração popular, oportunidade que aproveitam para a venda e habilitação de novas linhas.

Por obra da divulgação do Festival Folclórico, a cidade de Parintins passou a ser conhecida nacional e internacionalmente. Navios de cruzeiro internacionais aportam em Parintins trazendo turistas estrangeiros, para os quais





são feitas apresentações especiais dos bumbás. Também são transportados a pontos turísticos naturais como lagos e paisagens florestais, incrementando o turismo ecológico na região.

Toda a movimentação econômica que o Festival proporciona em Parintins é temporalmente limitada aos meses que antecedem à festa, a partir de fevereiro. O impulso inicial é dado com a contratação dos artistas que irão conceber as alegorias a serem utilizadas na apresentação no Bumbódromo. Os artistas, hoje considerados de ponta, participaram ativamente na transformação do boi-bumbá e, por conta disso, passaram a ter seu trabalho reconhecido, financeiramente pelas agremiações folclóricas e artisticamente pela comunidade e pelos que visitam a Ilha. Isto mudou, sobremaneira, a forma de criação e produção da arte folclórica. Agora, ao invés de livres criadores, são profissionais a serviço de uma meta preestabelecida em um projeto de conquista. Não a conquista de um título somente, mas a da presença de mais e mais espectadores e telespectadores, de gente disposta a gastar dinheiro em coisas ligadas aos bois.

Afora os mais destacados, há também os artistas que trabalham diretamente na confecção dos objetos e acessórios que compõem todo o aparato festivo, como a feitura de fantasias, roupas étnicas, reprodução figurativa da fauna e flora, armaduras e estruturas metálicas, pintura, etc. O fabrico de todos esses itens requer empenho de grande número de artistas locais, garantindo, em torno de cinco meses, oferta expressiva de emprego.

O serviço temporário não é exclusividade da classe artística. O esforço para que o boi possa desfilar no final de junho desencadeia uma série de atividades paralelas que a população da região aproveita para aventurar algum ganho. Surgem muitas oportunidades de trabalho em setores como o de transporte, marcenaria, carpintaria, metalurgia, operação de máquinas e serviços gerais.

Essa movimentação também é sentida no comércio em geral, supermercados, hotéis, restaurantes, padarias que aumentam seu quadro de funcionários, gerando empregos temporários. Os nove hotéis que funcionam em Parintins empregam um total de 65 funcionários dos quais a maioria é emprego temporário, somente 14 são empregos fixos. Antes do festival não há hóspedes suficientes para ocupar os quartos disponíveis e os donos de hotéis vivem situações econômicas delicadas. A permanência dos hóspedes antes do festival não ultrapassa a 5 dias e durante o festival chega a nove.



O aumento do faturamento dos supermercados chega a 100% a mais do alcançado nos meses antes do Festival. Os números de empregados antes do festival são de 34 fixos, na época do festival esse número aumenta 17% com empregados temporários. Os gêneros mais consumidos são os alimentícios e bebidas.

As indústrias madeireira e oleira (tijolos e telhas), no período que antecede ao Festival aumentam sua produção para dar conta das encomendas de interessados em fazer reformas em suas residências com vistas ao acolhimento e conforto dos turistas que vêm à cidade.

No interior, os pequenos agricultores se empenham na oferta de produtos alimentícios, farinha, frutas, legumes e queijos em resposta ao aumento do consumo. Criadores de gado, porcos, ovelhas e aves domésticas, todos preparam estoques para suprir as necessidades dos visitantes.

Todos os setores da economia são atingidos pelo aumento da circulação de dinheiro trazido pelo Festival. Os bumbás, por seu lado, representam a fonte primária desse dinheiro. São eles que atraem as maiores parcelas de investimento. Para se apresentar na arena com toda a riqueza de detalhes, cada boi monta uma ampla estrutura de arrecadação de fundos. Em Manaus, após o carnaval, as agremiações põem em funcionamento os chamados “currais”. São espaços onde, uma vez por semana, durante aproximadamente quatro meses, várias bandas fazem apresentações para um público estimado em dezenas de milhares de pessoas. Nos “currais” aparece claramente o viés econômico do boi, com as exclusividades e licenças. O refrigerante e a cerveja vendidos no interior dos “currais” são de um único fornecedor: a Coca-Cola, que também é proprietária da Cervejaria Kaiser, cuja cerveja é a única com penetração no “curral” do Caprichoso.

Durante o mês de junho, os bois movimentam somas extraordinárias para os padrões da economia parintinense. O Caprichoso, nos anos 1999 e 2000 movimentou um total R\$ 3.835.000,00 e R\$ 3.865.000,00, respectivamente. Para o ano de 2001, prevê que irá trabalhar com o mesmo valor de 2000. O Garantido, por seu lado, teve movimentação financeira, em 1998, de R\$ 1.445.702,89. Em 1999, movimentou R\$ 1.566.347,31. Já em 2000, gastou, para se apresentar no Bumbódromo, R\$ 2.331.218,14.

Todo esse montante de dinheiro que circula em Parintins está concentrado nos investimentos dos bois para a realização de suas apresentações no Bumbódromo. Isto faz com que a destinação dos recursos priorize o passageiro. Pouco se investe em algo que possa fincar raízes na cidade, exceto a





escola de arte que o Caprichoso mantém para a formação educacional e artística de crianças carentes. É um dos poucos exemplos de investimento dirigido para a área social.

Apesar das melhorias antes mencionadas por que passou a cidade, Parintins não dá mostras contundentes de que tenha sofrido transformação econômica ao ponto de, ao menos, auto-sustentar-se financeiramente. O governo municipal continua a depender dos repasses estadual e federal para a manutenção da máquina administrativa, a despeito do aumento da arrecadação de tributos acima visto.

O dinheiro que chega à cidade por ocasião do Festival trazido por turistas e por parintinenses residentes em outras cidades faz uma espécie de estadia temporária no município. Este é o sentimento da maioria das pessoas que operam nos diversos setores da economia local. De acordo com o depoimento de Joaquim Lima, comerciante de Parintins e membro da Associação dos Comerciantes, o comércio nos meses que antecedem ao Festival, março, abril, maio e junho, sofre uma influência muito grande dessa movimentação, que os bumbás geram no município. Cada agremiação folclórica contrata, em média, 500 a 600 pessoas para trabalharem. O dinheiro que movimenta é distribuído semanalmente com o pagamento da mão-de-obra, e o comércio absorve esses valores, tanto é que durante esses meses há um faturamento mais expressivo, em torno de 30% a 50%, em relação a outros períodos do ano. Entretanto, após o Festival, esse dinheiro não circula em Parintins, pois os comerciantes investem em novos produtos que são comprados fora do município.

De acordo com a professora M^a de Jesus Pacheco, do Colégio do Carmo, “quem vem de fora acha que Parintins fica com muito dinheiro do Festival, mas é engano, porque o dinheiro não fica, ele passa por Parintins, e o dinheiro que estava vai também. A maior renda nesse período é a bebida, esse dinheiro não fica, vai embora. O dinheiro que fica em Parintins é aquele pago aos trabalhos e materiais. Após o festival, a cidade fica só dívida, fica um caos. É uma economia ilusória, só existe naquele momento”.

Ainda, os artistas com quem tivemos contato reclamam do fato de que muitas pessoas vêm de fora com mercadorias a preços mais acessíveis e arruinam a oportunidade dos moradores em faturar algum dinheiro. O Sr. Raimundo Barbosa, presidente da Associação dos Artistas Plásticos de Parintins, conhecido popularmente por “Rob”, demonstra imensa insatisfação. Segundo o artista, as pessoas que vêm para Parintins, os comerciantes principalmente, trazem estoque de camisas pintadas por um preço 50% mais



barato que a do local. Isso inviabiliza o trabalho de serigrafistas de Parintins, “*porque não temos recursos para concorrer com esses vendedores que vêm de fora*”. Outro fator é a falta de incentivo aos artistas em períodos fora do Festival, pois não possuem uma estrutura, um espaço que lhes dê oportunidade de continuar a mostrar seu trabalho.

A queixa das pessoas quanto à permanência do imobilismo econômico de Parintins destoa em muito das manchetes de revistas e jornais que divulgam insistentemente o ingresso de recursos financeiros para incrementar a economia. O que esses meios de comunicação não divulgam ou investigam é onde são feitos os investimentos ou, ainda, se a cidade teve ou não ganho material com os mesmos. Algo certo é que a dispersão financeira começa na aquisição de material para a produção dos bois fora de Parintins, passa pela compra de gêneros alimentícios industrializados e bebidas pelos comerciantes locais em outras praças, e é complementada pela aquisição de bens de consumo (carros, motos, móveis) não oferecidos na cidade por parte dos residentes que, durante a festa, ganharam dinheiro.

Muitos dos que vão ao Festival não o fazem motivados pelo apelo cultural. Durante a época do “boi”, Parintins sofre o assédio de muitos vendedores ambulantes provenientes de Manaus, principalmente, que oferecem artesanato e camisas com a temática do momento, comidas rápidas, churrasco, água mineral, bebidas alcoólicas, cigarros, roupas íntimas e inúmeras quinilharias, concorrendo ostensivamente com os parintinenses que se animam em montar pequenos empreendimentos com semelhante finalidade.

Na opinião do comerciante Joaquim Lima, na época do Festival vêm muitos comerciantes de fora vender seus produtos, principalmente produtos artesanais. Mas isso é comum em qualquer cidade turística, são pessoas que procuram meios de vender seus produtos e usam o marketing do boi. Isso acontece porque o município não possui uma estrutura que possa controlar a entrada desses produtos. Isso prejudica o comerciante local, que gera emprego e que paga impostos. O comerciante que vem para Parintins na época do festival não tem despesas, permitindo-lhe vender seus produtos com um preço bem mais baixo. De acordo com o depoimento de um morador, a chegada dos vendedores ambulantes, especialmente os que trazem camisas e adereços de outros Estados, representa prejuízo para os comerciantes locais.

O sentimento dos entrevistados é tônica recorrente a cada balanço de Festival. Não é mera conversa de quem se sinta prejudicado por um terceiro





em particular. Estão respaldados pelos fatos. Nos anos 90, não se viu nenhum investimento de porte em Parintins, nenhuma fábrica de confecção de camisetas ou de plumagens, nenhum hotel de padrão médio, nenhum museu, centro de artesanato, nada significativo que gere postos perenes de emprego. Apenas os bumbás construíram seus currais, imobilizando capital nas construções.

O Festival Folclórico de Parintins ainda não fixou riqueza na cidade, ponto fundamental para o início de um processo contínuo de desenvolvimento econômico. Não se pode afirmar categoricamente que as transformações por que passou o Festival não trouxeram benefícios. Muitos já foram destacados neste trabalho. Também não se pode afirmar que o boi-bumbá tenha conseguido alterar a matriz econômica de Parintins ao ponto de ser notável. As melhorias recebidas foram a nível físico como, por exemplo, o asfaltamento dos principais corredores de circulação e construção parcial de cais na orla fluvial. Bem menos na área social, verificando-se, como importante nesta área, a reforma e ampliação do Hospital Padre Colombo, conseqüência da exigência do Departamento de Aviação Civil que, para autorizar vôos de aeronaves tipo Boeing, requer que a cidade disponha de, no mínimo, sessenta leitos hospitalares.

A única garantia que têm os moradores da Ilha Tupinambarana é que, em quatro meses do ano, contarão com oferta de emprego para aliviar a carência que, de um modo geral, atinge a cidade ao longo do ano. O Festival concentra tamanha atenção e expectativa, tanto popular como governamental, que o faz ser visto como a única alternativa que tem o município para desenvolver-se. Isso cria uma barreira que impede vislumbrar outras perspectivas, como o aproveitamento das várzeas, da indústria de couro, frigorífica, move-laria e até de essências como a do pau-rosa, produto este com alto valor econômico.

Se no campo econômico os aspectos positivos foram percebidos com maior freqüência, no campo social e cultural poucos foram evidenciados; no entanto, os aspectos negativos sobressaem.

Erotização dentro e fora do Bumbódromo: as conseqüências

No campo social, as transformações que o festival imprimiu à cidade podem ser notadas em vários aspectos. O contato que os residentes passaram a ter com os turistas das mais variadas procedências influenciaram aqueles quanto à indumentária, termos vocabulares, perspectiva acadêmica e profissio-



nal e até uma tímida tomada de senso crítico, presenciada no movimento de rejeição ao desmando da administração do município.

Por outro lado, a cidade torna-se mais violenta, o número de portadores do vírus da AIDS vem aumentando cada vez mais, famílias desestruturadas, abortos de meninas ainda adolescentes. Esses dados nos levam a perceber que internamente o festival traz muitas conseqüências, alterando o comportamento das pessoas e dos grupos sociais.

É visível a transformação que os moradores da cidade de Parintins sofrem durante a semana do Festival com a chegada dos visitantes. Há um impacto muito grande em relação aos costumes, aos valores morais e ao tradicionalismo. Sendo uma cidade turística, que atrai milhares de pessoas de costumes diferentes, houve grande influência no comportamento social da população.

Um dos aspectos sentido é em relação à maneira como as pessoas se vestem durante esse período. Em entrevista, a professora Pacheco afirma que “há uma mudança de comportamento no sentido de que os visitantes chegam usando um tipo de roupa que não é adequado. Parintins não é uma cidade praiana, no entanto as pessoas chegam aqui usando roupa de banho, andam seminuas nas ruas, esse tipo de comportamento muitas vezes chega a agredir quem mora em Parintins”.

Outro aspecto bastante discutido e que preocupa a população local é em relação à promiscuidade que ocorre durante a festa. O boi é uma prática de erotização. No bailado da toada, os gestos produzidos são predominantemente sensuais e provocam um certo clima à pratica sexual. Em conseqüência desse comportamento sexual, que em muitos casos é praticado sem prevenção, surgem outros problemas como a gravidez indesejada, a maioria de adolescentes, o aumento das doenças sexualmente transmissíveis (DST), em especial a AIDS, e o aumento considerável de abortos.

Essas são questões um tanto delicadas e que requerem um certo cuidado ao serem abordadas pelo fato de que não foi possível, em alguns casos, obter dados estatísticos que pudessem demonstrar essa realidade. Para tal, entrevistamos moradores que deram seus depoimentos a respeito desses problemas.

A gravidez na adolescência, nos últimos tempos, é um problema recorrente em muitas cidades brasileiras. Não é um caso particular de Parintins. No entanto, o que preocupa em Parintins é o fato que após cada festival, o número de adolescentes grávidas aumenta consideravelmente em relação a outros meses. Na opinião da professora Pacheco, “o número de gravidez é





alarmante após esse período de festa. É só fazer um levantamento nos hospitais para verificar o número de atendimento. Isso é comprovado: nove meses depois, o número de crianças nascendo”. Padre Francisco Luppino, vigário da Paróquia Sagrado Coração de Jesus, faz o seguinte comentário, “Eu digo sempre na Igreja que, nove meses depois do festival, nascem os bezerinhos, não é que todo mundo saia a se engravidar, mas há um aumento de mulheres grávidas, principalmente adolescentes”.

Em consequência à gravidez indesejada, um outro fato se faz presente, o aborto. De acordo com o médico local Osvaldo Ferreira, há um aumento significativo de número de abortos no segundo semestre, nos meses de agosto e setembro:

Esse fato é visto inclusive pelas autoridades que fazem auditoria nos hospitais, e elas sabem que nesse período os procedimentos obstétricos aumentam. Infelizmente a Vigilância Epidemiológica não funciona, os dados são inconfiáveis, a gente tem indícios, mas não pode comprovar de fato. Que existe de fato pela experiência clínica existe, já existe uma coisa de concreto até pela autoridade do Estado. Isso é um fato concreto, sabe-se que aumentam esses procedimentos. Também existe um número muito grande de subnotificações, que são casos de mulheres que abortam e que não vão à rede hospitalar quando o parto é completo. Acho que a maior parte das pacientes fazem aborto clandestino, elas jamais procuram os serviços médicos com medo da pressão da sociedade e da família.

Parintins, nessas últimas décadas, também tomou conhecimento da AIDS. De acordo com o Dr. Nelson Barbosa, coordenador estadual do programa DST/AIDS, Parintins foi o segundo município do interior a diagnosticar a existência da doença e, hoje, é o segundo maior do Estado, com um registro de 16 casos. O médico observa que a AIDS está crescendo no Estado por meio das calhas dos rios, locais onde há um grande volume de deslocamento de pessoas em embarcações.

De acordo com a enfermeira do hospital Joffre Cohen, Kátia da Silva, o número de casos notificados em Parintins pode ser considerado bastante elevado para a população local, pois, de acordo com os dados do Ministério da Saúde, para cada caso de AIDS comprovado há 50 a 100 pessoas infectadas e isso quer dizer um volume muito grande.

Outra questão que preocupa a todos é a desestruturação familiar. “A família é a base fundamental, se ela não funciona tudo vai mal, há um certo desequilíbrio”, afirma Pe. Francisco Luppino. Isso é bem visível durante o período



do em que Parintins começa a se preparar para o Festival. Nesse intervalo, o clima da festa gera expectativas e grande euforia que, de certa forma, mudam o comportamento das famílias. Os pais perdem o controle sobre filhos, que começam a sair para os ensaios dos bumbás, e os que trabalham nos bois muitas vezes se envolvem com drogas e bebidas, tornando-se jovens viciados. Por outro lado, os próprios pais também se envolvem nesse processo, causando, muitas vezes, a separação do casal.

Do ponto de vista educacional, verifica-se que o festival é motivo para que muitos estudantes abandonem a sala de aula nesse período. De acordo com a professora Fátima Guedes, a partir do mês de maio, a escola fica totalmente prejudicada, “os alunos precisam trabalhar, então abandonam a sala de aula, principalmente os alunos da noite, a evasão é muito grande. Se, por um lado, os alunos começam a perceber novos horizontes, enriquecer sua cultura através de novos conhecimentos, almejam fazer faculdade, por outro esses planos acabam sendo prejudicados pela fato de se ausentarem das salas de aulas por conta do trabalho oferecido nessa época”.

Permanências e mudanças

Em relação aos aspectos culturais, as transformações foram mais sentidas. Se, para alguns, as mudanças foram prejudiciais, porém necessárias, para outros, elas não contribuíram em nada, apenas deturpam a brincadeira que, a cada ano, vem perdendo sua essência. De acordo com os entrevistados, houve uma mudança radical, pois o parintinense estava acostumado com o boi na rua e não com essa explosão que deixou de lado aspectos essenciais da festa, privilegiando apenas o espetáculo de brilho, luzes e cores. Para Dé Monteverde, neto do fundador do boi Garantindo, Lindolfo Monteverde,

O auto do boi não existe mais, as figuras que representavam a dramatização da morte do boi, como Pai Francisco e Mãe Catirina, ficaram perdidas em meio a um mundo de alegorias gigantescas. As brincadeiras nas ruas, as fogueiras, morte e fuga do boi, não possuem mais o mesmo destaque que tinham antigamente, foram sumindo, o boi tornou-se apoteótico e não folclórico. É como se contassem uma história diferente.

Essas mudanças são sentidas sobretudo pelos brincantes tradicionais que ainda relembram com saudade o boi que ia nas casas se apresentar, que saía nas ruas saudando os parintinenses e, sobretudo, que permitia que todos pudessem brincar. O Sr. Moisés Prestes Brás, de 54 anos, brincante de boi, comenta que “a cultura passada era mais simples, não tinha essa marmota





que tem agora. Era mais fácil a gente brincar; hoje se não for padronizado não brinca. A brincadeira se tornou para branco”.

O ritmo da toada também sofreu modificações: o “dois pra lá, dois pra cá” cedeu espaço para um ritmo mais acelerado, cheio de coreografias e rebolados sensuais.

Parintins e o Festival Folclórico não possuem apenas o boi-bumbá como manifestação cultural. No entanto, quando se fala em festival, tudo fica resumido em Caprichoso e Garantido. De acordo com a Prof^a Pacheco, isso já está enraizado em toda a população. “Com isso, o povo está perdendo sua cultura, sua tradição e a sua história. Os alunos não conseguem separar a questão do Festival Folclórico do folclore como um todo. Eles só pensam o folclore em Parintins como Garantido e Caprichoso, mesmo no resto do Brasil eles acham que folclore é Garantido e Caprichoso”.

Antes do boi-bumbá ir para a arena, as manifestações culturais que se destacavam em Parintins eram, no mês de junho, as quadrilhas; em dezembro e janeiro, as pastorinhas; depois, em meses alternados, eram as festas religiosas com os arraiais. “Hoje esses arraiais não conseguem ter a mesma movimentação de antes. Mesmo a festa de Nossa Senhora do Carmo que é a maior festa religiosa de Parintins, perdeu o seu destaque”, afirma um morador de Parintins. Essa perda ocorre, na opinião da Prof^a Pacheco, porque os arraiais não tem mais aquela função que seria de reunir as famílias, para um momento de reflexão, outras atrações, como os grupos de toadas, tomam conta do espaço, muitas vezes agredindo quem vai em busca de outras atrações”.

As “quadrilhas” existem, mas passam despercebidas, não recebem incentivos por parte dos governantes e da própria comunidade, que não mais as prestigia. De acordo com o professor Bosco Miranda, “a preocupação é única e exclusivamente com os bois; as outras manifestações não desapareceram, no entanto, é com muita dificuldade que se consegue colocá-las na quadra. Eu imagino que toda manifestação cultural, quando desaparece, leva consigo a cultura local, e a história some com isso; mesmo as quadrilhas hoje recebendo dinheiro do governo para saírem no festival, mesmo assim o povo não valoriza, porque todo mundo só quer ir para a quadra quando o boi entra na arena”.

As Pastorinhas, que antigamente já fizeram parte da vida cultural dos jovens de Parintins, hoje sobrevivem com muita dificuldade. Brincadeira realizada



durante a festa natalina, tem em seu sentido real a comemoração do nascimento de Jesus. É um cordão de dança que se apresenta nas casas; no dia 6 de janeiro saem às ruas em busca de conseguir dinheiro para ajudar nas despesas, e nesse dia também é feita a queima da palhinhas, que simboliza o término da brincadeira e do período dos Santos Reis.

A dificuldade que as pessoas encontram em realizar a brincadeira deve-se a não possuírem ajuda financeira, ou apoio dos governantes, que só têm interesse em patrocinar os bois. De acordo com Fátima Guedes, “as futuras gerações com certeza só irão conhecer essas outras brincadeiras através de livros, de documentos históricos, porque o boi as abafou”.

O folclore, no seu dinamismo, vai recebendo várias e diversas contribuições e se as pessoas responsáveis pelas atividades culturais não tiverem percepção e controle das mudanças, tudo pode ir deturpando-se facilmente, principalmente hoje em dia, em que os meios de comunicação de massa rapidamente impõem uma nova estética, novas imagens, novos ritmos, novas formas de diversão que também vão sendo transformados em produtos de consumo.

Diante dessas transformações, é importante questionar os saldos e ganhos, os lucros e as perdas. Nas páginas dos jornais, Parintins é anunciada como uma cidade agora com uma nova paisagem. Mas que paisagem? A paisagem humana como fica? Que melhorias de qualidade de vida é oferecida ao parintinense?

As transformações que ocorrem não devem ser analisadas apenas pelo viés econômico, outros setores também são afetados e requerem análise mais cuidadosa. O desenvolvimento não deve ser visto apenas como progresso, como crescimento econômico, mas como um conjunto de melhorias em todos os setores, principalmente na qualidade de vida da população como um todo, sem fragmentações ou privilégios.

Essas questões que nortearam os caminhos percorridos em todo o trabalho também são inquietações pertinentes para os parintinenses. Desde 1996, os alunos do Colégio do Carmo realizam pesquisas que abordam temas referentes às mudanças ocorridas no Festival Folclórico e na cidade de Parintins. Em base aos resultados obtidos pelos alunos, elaborei quadros referentes a cada ano. Cada quadro mostra aspectos positivos e aspectos negativos que foram percebidos pelos alunos em decorrência dessas mudanças que o Festival e Parintins estão presenciando nos aspectos econômicos, sociais e culturais.





De um modo geral, os resultados obtidos confirmam a hipótese de que os ganhos financeiros alcançados durante o festival não se revestem em desenvolvimento para o município. O dinheiro que circula tem uma estadia muito rápida, apenas nos meses que antecedem à festa, depois não se percebe nem um investimento desse montante que possa beneficiar a população. Por outro lado, as seqüelas que ficam prejudicam por demais os parintinenses, não contribuindo para uma melhor qualidade de vida.

Nesses cinco anos de pesquisa realizada pelos alunos, alguns pontos se fazem constantemente presentes. Em relação aos aspectos positivos, o incentivo e oportunidade aos artistas, maior movimento do comércio nos meses que antecedem ao Festival e oportunidade de empregos temporários para os parintinenses são pontos constatados e marcantes. Em relação aos negativos, o uso de roupas inadequadas, aumento no índice de evasão escolar, lares desestruturados, prostituição, uso de drogas e bebidas, gravidez na adolescência, aborto e doenças sexualmente transmissíveis, principalmente a AIDS, a falta de incentivo a outras manifestações culturais por parte dos governantes e da sociedade e movimento do comércio apenas no período do festival, depois desaparece.

Nesses anos de Festival, muito já se falou, se criticou, mas de ação concreta pouco foi feito que resultasse, na prática, em saldos positivos para o município. A imprensa mostra uma Parintins cheia de encantos e beleza, que nos três dias de festa faz o povo esquecer as necessidades fundamentais de seu cotidiano. No entanto, ao silenciar o rufar dos tambores, o encanto termina e a realidade se mostra, novamente, com os mesmos e novos problemas.

